



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10635 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 19 - Educação e Arte

ANTICIENTIFICISMO E ESTETICISMO NA CONTEMPORANEIDADE

Carla Irene Roggenkamp - UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa - Campus Uvarana

### **ANTICIENTIFICISMO E ESTETICISMO NA CONTEMPORANEIDADE**

A educação contemporânea tem se deparado, de modo cada vez mais intenso, com a desconstrução e substituição dos currículos que pressupunham uma formação humana omnilateral, em prol de outros que preconizam uma formação superficial, própria do neotecnismo utilitarista, e voltada para a organização flexível e precarizada do mundo contemporâneo do trabalho. Um exemplo desse movimento, no contexto brasileiro, pode ser encontrado na Lei nº 13.415/2017 (BRASIL, 2017) que, alterando a LDB (BRASIL, 1996), institui uma nova organização curricular para o Ensino Médio, pautada em “itinerários formativos” e voltada para o empreendedorismo. O empreendedorismo, no entanto, como já dizia Paulo Freire (1978, p. 86), não passa de um mito segundo o qual “todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários – mais ainda, o mito de que o homem que vende, pelas ruas, gritando: ‘doce de banana e goiaba’ é um empresário tal qual o dono de uma grande fábrica.”

Essa desconstrução e fragilização, tanto das relações de trabalho quanto dos currículos, têm sido acompanhada de um sensível movimento anticientífico que perpassa a sociedade e, conseqüentemente, atinge a compreensão sobre o papel da escola na formação dos cidadãos. Em oposição ao discurso da ciência, faz-se notar, com cada vez mais insistência, um discurso estetizante, de caráter metafísico e religioso, e não-artístico, nos círculos mais influentes da gestão pública. A substituição do discurso científico por um discurso estetizante e pseudoartístico, no entanto, não apenas dilui os fundamentos das ciências como base do conhecimento humano sobre o mundo, mas leva, ao mesmo tempo, a um reducionismo na produção e na apreciação das artes, tanto na escola quanto na sociedade de modo geral.

Reconhecendo esse cenário, temos por objetivo, nesse trabalho, apresentar algumas

reflexões sobre os conceitos de totalidade científica e totalidade artística, tais como os interpretamos a partir das premissas do materialismo histórico e dialético. Segundo importantes autores da tradição marxista, principalmente György Lukács (1967), uma totalidade artística se distingue de uma totalidade científica, ainda que as duas estejam vinculadas diretamente ao mundo da realidade concreta.

O professor José Paulo Netto (2011, p. 57), ao comentar categorias do método de Marx como a totalidade e a contradição, afirma que as totalidades são inúmeras, existindo em permanente interrelação, mediada pelas contradições, em uma “totalidade inclusiva e macroscópica.” Essa totalidade macroscópica é a própria realidade concreta autoexistente, na qual se articulam fenômeno e essência, universal, particular e singular. Nela se realiza a vida cotidiana e, a partir dela, surgem as reflexões estéticas e as científicas que formam a cultura.

Sendo autoexistente, a totalidade macroscópica é regida por leis fixas, como as leis da física ou da causalidade, por exemplo, sob as quais o coletivo dos homens se encontra submetido. Ela não é um produto da humanidade, mas, na medida em que esta se produz e reproduz historicamente, a totalidade macroscópica passa, também, a abarcar os objetos culturais e sociais. A totalidade macroscópica é, portanto, o âmbito de reflexão das ciências, e “fazer ciência” é buscar compreender os nexos dessa totalidade, sempre a partir de frações dela, com o intuito de ampliar, para o conjunto da humanidade, a compreensão sobre o mundo natural e social. Uma vez que a totalidade é intrinsecamente histórica, ela está em constante transformação e construção – trata-se de uma totalidade “aberta”, nunca concluída – e, assim sendo, o conhecimento científico, embora seguro, é sempre parcial e transitório.

Mas, para além das totalidades parciais e provisórias pertinentes à ciência, o todo macroscópico também abriga uma série de totalidades que podemos chamar de microscópicas, em oposição ao termo proposto por Paulo Netto (2011). Consideramos que as obras, ou manifestações de arte, se agrupam nessa categoria, sendo, por definição, delimitadas e autocontidas. Ao contrário dos objetos da ciência, caracterizados pela transformação, uma obra de arte, sendo objeto de criação intencional humana, é sempre final. Desse modo, ela apresenta nexos e coerências internas próprias, que nem sempre são os mesmos pertinentes à totalidade macroscópica.

Buscamos exemplificar essa distinção da seguinte forma: no discurso científico, uma estrela é um corpo celeste que emite radiação, gerando calor e luz. No entanto, na história infantil *As aventuras de Pinóquio*, do romancista italiano Carlo Collodi, a estrela é, na verdade uma fada que realiza desejos. Em sua obra *Metamorfose*, o escritor tcheco Franz Kafka escreve sobre um homem que, da noite para o dia, se converte em inseto, embora a ciência não possa admitir que isso aconteça na realidade concreta. E, ainda, embora nenhum mapa elaborado cientificamente possa indicar a localização da cidade de Macondo, Gabriel Garcia Márquez, romancista colombiano, foi capaz de narrar, em *Cem Anos de Solidão*, a história de diversas gerações de uma mesma família que nela viveram. A apreciação estética de uma obra de arte, não apenas na literatura, mas também na dança, na música e nas artes

visuais, implica uma aceitação desses nexos internos que dizem respeito unicamente à totalidade microscópica, e que são diferentes para cada obra. A totalidade artística, portanto, é fechada e final, pois seus contornos são conhecidos. A ela nada se acrescenta ou retira sem a mutilar.

As relações entre universal, particular e singular, portanto, apresentam padrões diferentes nos âmbitos da ciência (totalidade aberta e em transformação) e da arte (totalidade acabada e final). No caso das ciências, o conceito universal pode abarcar, extensivamente, um grande número de objetos particulares-singulares. Na arte, por sua vez, o universal se encontra restrito à lógica interna da totalidade esteticamente conformada, não podendo ser expandido para fora dela. Nesse sentido, Lukács (1967, p. 238-239) afirma que a “totalidad extensiva e intensiva es una característica de la realidade objetiva a la que el conocimiento no consigue sino aproximarse”, referindo-se ao campo das ciências. Em relação à arte, no entanto, o mesmo autor afirma, em seguida: “renuncia a la reproducción de la totalidad extensiva del mundo de los objetos y las relaciones, la autolimitación a la totalidad intensiva de las determinaciones de un conjunto concreto de objetos y relaciones”, apreendendo a “totalidad intensiva de las determinaciones relevantes para el mundo que conforma”, ou seja, o mundo da obra de arte particular.

O universal científico, portanto, constitui-se a partir de uma relação dialética com os singulares concretos realmente existentes, serve para identificar singulares na totalidade macroscópica – o conceito de estrela pode ser aplicado a todos os corpos celestes que apresentem o mesmo rol de características, mesmo para aqueles ainda não descobertos pela ciência –; o universal artístico, por sua vez, só é válido para o interior de uma totalidade específica, não podendo ser transposto para além dela – a fada-estrela não pode existir no “mundo real”, mas também não encontra lugar em outros mundos fictícios como, por exemplo, na já mencionada Macondo. Logo, embora as totalidades microscópicas existam no interior da totalidade macroscópica, suas regras e coerências internas não podem ser transportadas de uma à outra de forma direta ou imediata.

A partir dessa compreensão dos universos da ciência e da arte, ancorada no materialismo histórico e dialético, é possível destacar dois problemas com os quais nos deparamos na contemporaneidade e que têm incidido diretamente sobre as propostas para a educação brasileira. Primeiro, é possível afirmar que os seres humanos, em seu processo histórico de desenvolvimento, habitam e, dialéticamente, transformam a e são transformados pela totalidade macroscópica e, dentro dela, criam realidades microscópicas (não apenas as artísticas). O pensamento dominante, de viés idealista (metafísico e religioso) se constitui no momento em que os seres humanos criadores passam a estender as características de sua potência criativa – da criação de totalidades fechadas – para o todo da realidade natural e social macroscópica, como se esta fosse, igualmente, fechada. Nesse momento, o discurso metafísico assume que o mundo, e o ser humano como parte dele, é obra de um criador externo à realidade concreta (elaboram-se as imagens do demiurgo, de deus, do espírito absoluto, da mão invisível, entre outros).

Um segundo problema, que deriva do primeiro, ocorre na medida em que se procura transpor as normas e nexos de uma totalidade microscópica (estética por definição) para a totalidade abrangente e aberta. Consideramos importante acentuar que, por totalidade microscópica, não compreendemos apenas o âmbito da criação artística. Entendemos, além disso, que, em sua origem, artes e religião caminharam juntas, tendo sido necessário um período relativamente longo de desenvolvimento social para que elas pudessem ser distinguidas com clareza. Ainda assim, os sistemas religiosos, até a atualidade, encontram-se intrinsecamente permeados por elementos simbólicos e estéticos: seus textos sagrados (quando os há) utilizam, de forma ampla, narrativas heróicas, alegorias e linguagem metafórica. Aliam-se aos elementos textuais, mesmo nas religiões de tradição oral, cânticos e preces em forma poética, iconografias sagradas em forma de pinturas e/ou esculturas, rituais de culto teatralizados, movimentos coreografados, repertórios musicais específicos e objetos ornamentados de uso ritualístico. No entanto, em oposição ao que ocorre no contexto da produção artística, o pensamento metafísico-religioso é definido por sua tendência a extrapolar as fronteiras de sua totalidade própria e avançar sobre a totalidade macroscópica.

A partir dessa contextualização, é possível admitir que aquelas ocorrências a que se costuma denominar “milagres”, ou seja, tudo aquilo que se manifesta na realidade, mas é atribuído a uma suposta intervenção divina, mística ou sobre-terrena, nada mais é do que uma transposição dos nexos de uma totalidade estética (religiosa) para a realidade natural/social concreta – no que religião se distingue, portanto, diametralmente de arte. Esse tipo de transposição de limites entra, obrigatoriamente, em conflito com a perspectiva científica. Podemos admitir que o discurso metafísico-religioso tenha sido adequado às civilizações humanas primitivas na medida em que oferecia explicações aos fatos incompreensíveis da realidade. No entanto, por diversas vezes na história da humanidade, o discurso religioso buscou prevalecer pela força, mesmo quando a ciência já havia encontrado as respostas para determinados fenômenos (é clássico o exemplo de Galileu Galilei).

No mundo contemporâneo, o discurso religioso encontra ampla aceitação nos círculos do poder político e econômico porque, em nossa interpretação, ambos atuam de forma semelhante. Consideramos que o sistema de manipulação social neoliberal é, também, metafísico, na medida que intenta ocultar as verdadeiras relações sociais de dominação e opressão, visando a manutenção do *status quo*. O discurso neoliberal tem, assim, agido sobre a educação, dificultando a luta por uma formação humana omnilateral e emancipatória, uma vez que, segundo Cavalcante (2007, p. 56), suas estratégias principais são: “(1) deslocamento das causas; (2) culpabilização das vítimas; (3) despolitização e naturalização do social; (4) demonização do público e santificação do privado; (5) apagamento da memória e da história; (6) recontextualização.”

Na fábula neoliberal, os efeitos se confundem com as causas e, ancoradas sob fundamentos fictícios, as tentativas de esclarecer e reverter o quadro das dilacerantes desigualdades sociais, do analfabetismo estrutural e da miséria que se alastram na atualidade brasileira, tendem a produzir resultados superficiais e, no melhor dos casos, pontuais. O

sistema capitalista não pode, por sua própria natureza, questionar os reais fundamentos dos problemas sociais contemporâneos sem incorrer em um desvelamento de suas bases perversas, calcadas na exploração da classe trabalhadora.

Os discursos metafísicos (seja no âmbito da religião, seja incorporado aos dogmas da sistema neoliberal de gestão social), para manter sua supremacia, opõem-se ao desenvolvimento das ciências e colocam entraves à livre expressão artística. Esses discursos, marcadamente pragmáticos, somente valorizam que pode ser útil à manutenção de sua dominação. Assim, apropriam-se de elementos estéticos para fins outros que não a sensibilização e a fruição artística. Religião e neoliberalismo, com frequência, utilizam-se de música, dança, artes visuais, cinema e literatura para compor e impor uma pseudoarte, que, ao invés de exercitar as capacidades criadoras e imaginativas humanas, atua para manipular e apaziguar grandes segmentos populacionais, mantendo-os aprisionados em sua condição de classe oprimida.

Compreendemos, portanto, que a distinção desses dois modos de apresentação das relações entre universal, particular e singular, que se dão nos contextos artístico e científico pode contribuir para a reflexão sobre as estratégias do avanço do anticientificismo e do consequente esteticismo (não por meio da arte, mas da metafísica) que se impõem sobre a sociedade e sobre as políticas educacionais no momento.

Ponderamos que o delineamento metafísico atual encontra expressão tanto no discurso diretamente religioso fundamentalista quando no idealismo neoliberal (com suas ficções sintetizadas na “fada-meritocracia” ou na “fada-empendedorismo”, entre outras assombrações, que contribuem para mistificar a realidade concreta e deslocar a culpa das desigualdades para sobre as vítimas dela). Ao ignorar as fronteiras entre mundo real (âmbito da ciência) e fantasia (âmbito da arte e da criatividade), essas iniciativas têm colocado em xeque não apenas as ciências, mas também as artes genuínas, esvaziando e desumanizando, no processo, a sociedade contemporânea. Consideramos, por fim, que a ausência de reflexão científica e artística profunda sobre a realidade concreta, reflexão esta cada vez mais dificultada no contexto educacional formal, conduz, fatalmente, a uma aceitação passificada dos dogmas e da regulamentação social dominante e opressora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Totalidade. Ciência. Arte. Educação.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.**

BRASIL. **Lei nº 13.415**. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96, de 16 de fevereiro de 2017.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. **Qualidade e cidadania nas reformas da educação brasileira**: o simulacro de um discurso modernizador. Maceió: EDUFAL, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (livro digital)

LUKÁCS, György. **Estética I**: La peculiaridade de lo estético, vol.3. Trad. Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijalbo S. A., 1967.

PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.